

# **BULLYING NA EDUCAÇÃO ESCOLAR: LEITURAS E DESAFIOS QUE SE IMPÕEM À UMA ANÁLISE CRÍTICA**

Sheila Daniela Medeiros dos Santos<sup>1</sup>

**Resumo:** Este trabalho objetiva analisar os fundamentos da concepção de bullying presentes nos discursos veiculados, em revistas e jornais eletrônicos de maior visibilidade no Brasil, sobre o episódio de violência ocorrido em uma escola particular na cidade de Goiânia, em outubro de 2017. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, bibliográfica e documental, ancorada no referencial teórico de Bakhtin (2002).

## **Introdução**

É notório o fato de que o fenômeno denominado *bullying* na educação escolar, não apenas tem sido amplamente divulgado pela mídia, como também tem se tornado objeto de discussão em diversos cenários sociais no Brasil e no mundo.

Em outubro de 2017, a notícia de que um menino de 14 anos havia atirado com uma arma de fogo em seus colegas de classe em uma escola particular na cidade de Goiânia – provocando a morte de dois deles e deixando quatro gravemente feridos –, disseminou-se rapidamente nas redes sociais poucas horas após o ocorrido, intensificando a preocupação com a questão da violência nas escolas no país.

Como a principal hipótese elaborada para a razão que motivara o menino à prática do referido ato apontava para o *bullying* que ele sofrera cotidianamente, presenciou-se, tal como em relação ao incidente sucedido em abril de 2011, na Escola de Realengo, no Rio de Janeiro, a demasiada propalação do termo *bullying*, de modo a cindir as distintas posições em círculos acadêmicos, instâncias jurídicas e no campo da opinião pública.

No âmbito dos estudos sobre o assunto Olwes (1978, 1993), Fante (2005), Lopes Neto (2005), entre outros, categorizam os comportamentos de *bullying*, dissertam a respeito de seus determinantes e asseveram a superação deste fenômeno via imperativos morais.

Neste contexto, a questão premente que se coloca é a de que o conceito de *bullying*, forjado na esteira de uma classificação estereotipada de violência, vem sendo convencionado e apropriado pela sociedade inadvertidamente e desprovida de um viés crítico.

A partir destas considerações, este trabalho se propõe a analisar os fundamentos da concepção de *bullying* presentes nos discursos veiculados em revistas e jornais eletrônicos de maior visibilidade no Brasil sobre um episódio de violência ocorrido, em outubro de 2017, em uma escola da rede de ensino particular, na cidade de Goiânia.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, bibliográfica e documental, ancorada nos referenciais teórico-metodológicos sistematizados por Vygotsky (1993) e por Bakhtin (2012) sobre a natureza essencialmente semiótica da consciência humana e sobre a noção de dialogismo como princípio intrínseco à linguagem, respectivamente. O referido aporte teórico adquire grande relevância não apenas pelo fato de priorizar o papel do *outro* na constituição do sentido, mas também pelo fato de sublinhar a dimensão da palavra como signo real e tangível, ponto de encontro de visões de mundo e arena ideológica de lutas simbólicas.

---

<sup>1</sup> Graduada em Pedagogia – FE/UNICAMP, Mestra e Doutora em Educação – FE/UNICAMP e Docente em Psicologia da Educação – FE/UFG. E-mail: [sheiladaniela@yahoo.com.br](mailto:sheiladaniela@yahoo.com.br).

### **Bullying: da naturalização à problematização do fenômeno**

Para viabilizar esta pesquisa selecionou-se, como critério de inclusão de material para análise, as notícias que faziam referência ao *bullying* no título ou no corpo do texto jornalístico. Após a compilação das revistas e jornais eletrônicos que se enquadravam neste critério, realizou-se a leitura e a análise do conteúdo constante em cada uma das notícias, no sentido de buscar a compreensão crítica de suas significações (BAKHTIN, 2012).

Dados os limites de extensão deste artigo, realizou-se as análises dos seguintes jornais e suas respectivas notícias: Folha de São Paulo, *É hora de entender que o bullying está levando ao óbito, diz psicólogo* (SALDAÑA, 2017); Estadão, *Bullying e contaminação do ambiente escolar pela violência* (MESQUITA, 2017); O Globo, *Bullying teria sido a motivação de ataque em escola de Goiânia* (COPEL; QUEIROGA; VIANA, 2017); El País, *Estudante mata dois colegas a tiro e fere quatro em escola particular de Goiânia* (SALES, 2017); Revista Veja, *Precisamos falar sobre bullying* (TEFEN, 2017).

A leitura destas notícias mostraram a imprescindibilidade de considerar a palavra *bullying* no contexto dos estudos que a consubstanciaram, afinal, conforme asseverou Bakhtin (2012), a palavra é um signo ideológico, o qual possibilita a compreensão de determinadas visões de mundo instituídas no cotidiano.

Neste sentido, ao evocar as origens da concepção de *bullying*, constatou-se que o termo foi forjado na década de 1970, com base nos estudos desenvolvidos, na Noruega, pelo professor e pesquisador chamado Dan Olweus (1978, 1993).

Segundo Olweus (1978), o *bullying* é um fenômeno que denota comportamentos agressivos (físicos, verbais ou relacionais) praticados por um indivíduo ou um grupo de indivíduos, o(s) intimidador(es), de modo repetitivo e intencional, direta ou indiretamente, sem motivo visível e que causam angústia, dor ou sofrimento ao(s) outro(s), a(s) vítima(s).

Acrescenta-se a esta assertiva o fato de que, de acordo com Fante (2005), Lopes Neto (2005) e Smith et al. (2002), há nesta relação os indivíduos não-participantes diretos, os quais podem reforçar as atitudes de intimidação ou apenas observar em silêncio as ações praticadas. Há ainda os indivíduos que defendem e buscam ajuda em outras instâncias para o(s) colega(s) que estão na posição de vítimas.

Além disso, é importante ressaltar que existem pesquisas que procuram caracterizar o *bullying* com base em dados estatísticos oriundos de sua ocorrência (CALBO et al., 2009; MALTA, 2010; FRANCISCO & LIBÓRIO, 2009) e em aplicação de questionários para identificar a incidência com que ocorre (CRISTOVAM et al., 2010; MOURA et al., 2011). Sem contar as pesquisas baseadas em amostras para identificar tanto os fatores de risco no ambiente escolar (STELKO-PEREIRA, WILLIAMS & FREITAS, 2010), como o tipo de intimidação mais frequente e a caracterização de seus protagonistas e vítimas (ZAINÉ, REIS & PADOVANI, 2010).

Apesar de estes estudos contribuírem para a compreensão do fenômeno denominado *bullying*, ao considerar as notícias dos jornais analisados, objetos deste estudo, nota-se que as classificações e tipologias existentes, ao dissertarem sobre as supostas causas do *bullying*, as naturaliza, deixando de ir à raiz de sua existência.

Neste direção, coisifica-se e mascara-se os processos sociais, econômicos, culturais e singulares inextricáveis aos comportamentos dos indivíduos, convertendo-os em números e dados estatísticos e concebendo-os como uma “coleção de fatos sem vida” (MARX & ENGELS, 2007, p. 20).

A contradição observada reside fundamentalmente neste ponto nodal: o *bullying*, ao ser considerado como um fenômeno natural, exerce seu poder sobre os indivíduos como se fosse algo incontrollável, pois o fenômeno dissimula-se sob o rótulo de uma pseudociência. Esta

assertiva resulta na propalação de uma expressão defendida por Fante (2005), passível de problematização, que se refere à “educação para a paz”.

Desta forma, as relações de desigualdade e de poder que se instauram no contexto familiar/escolar, em particular, e na sociedade brasileira, em geral, são naturalizadas e apartadas das contradições sociais que as produzem. Por conseguinte, o que prevalece são os ditames hegemônicos pautados na disciplina e na boa conduta moral.

Em outros termos, admitir definições, classificações e tipologias acerca deste fenômeno que se desenha na atualidade, a partir de indicadores pautados somente em dados quali-quantitativos, questionários e amostras, deixam lacunas que contribuem para que o conceito permaneça a serviço da adaptação dos indivíduos para a legitimação de uma ordem social injusta e desigual.

Neste ínterim, nota-se a relevância em inserir, na agenda de debates, a concepção do fenômeno intitulado *bullying* à luz das mediações sociais que as determinam, afinal, conforme as preleções de Vygotsky (1993) e Bakhtin (2012), as peculiaridades do contexto histórico e cultural delimitam contornos às formas ideológicas, as quais estão imbricadas nas relações sociais mediadas simbolicamente.

Em relação a este aspecto, Bakhtin (2012) atribui importância capital ao papel da palavra na configuração do mundo social em um território semiótico valorativo. Isso porque, a palavra possui a propriedade de materializar distintas formas de relações instauradas nas mais diferentes esferas da atividade humana, tornando-se um signo ideológico (VIGOTSKI, 2009)

A partir destas considerações, é possível depreender que o termo denominado *bullying* refere-se a um fenômeno conhecido na história da humanidade, a violência, a qual pertence à ordem da cultura (SANTOS, 2002), mas que tem sido dissimulada por uma pseudociência que tenta controlá-la via classificação e aconselhamentos, ancorando-a em expressões frágeis, generalistas e abstratas como a que conclama uma “educação para a paz”.

### **Considerações finais**

Este trabalho se propôs a analisar os fundamentos da concepção de *bullying* presentes nos discursos veiculados em revistas e jornais eletrônicos de maior visibilidade no Brasil, sobre o episódio de violência ocorrido em uma escola da rede de ensino particular na cidade de Goiânia, em outubro de 2017.

Os resultados da pesquisa evidenciaram que os fundamentos da concepção de *bullying*, sob o prisma da agenda neoliberal, incitam ressonâncias ideológicas que polemizam vozes e que mascaram tensões e contradições que estão na base do fenômeno da violência.

No que tange a este debate o próprio conceito de *bullying*, ao referir-se à uma questão exclusivamente individual, nunca coletiva, exerce um papel de adaptação e conformismo. Este aspecto anunciado postula a emergência em desfeticizar a realidade humana a partir de uma análise ontológica concreta da concepção de *bullying*, problematizando as contradições marcantes da complexa e heterogênea totalidade social.

Segundo Bakhtin (2012), como a palavra, meio pelo qual os indivíduos dialogam entre si, carrega uma diversidade de conteúdos ideológicos, decorre deste aspecto a possibilidade de ficar evidente, em situações de interação social, os distintos índices de valor que determinadas palavras recebem dos indivíduos participantes de uma relação, uma vez que há um jogo de interesses marcado pelos antagonismos presentes nas classes sociais.

Neste sentido, é imprescindível destacar que o fenômeno da violência nas escolas deve ser compreendido através de uma análise radical reveladora dos modos de organização e das forças objetivas e contraditórias da sociedade, e de como estas forças se materializam e se convertem nos indivíduos que se desenvolvem em determinado contexto cultural e histórico

(VYGOTSKY, 1993). Portanto, compreender a violência requer uma análise teórica crítica na interpretação dos dados, de modo a revelar as tensões e a questionar o sentido social dos fenômenos singulares que emergem na cotidianidade dos indivíduos.

Por fim, o conceito de *bullying*, ao mesmo tempo em que deflagra, nos discursos tecidos por fios dialógicos, um campo de dissolução de antagonismos históricos, econômicos e políticos, viceja um espaço propício à consolidação de atitudes pragmáticas e à aceitação consensual e acrítica de conhecimentos pseudocientíficos, os quais indubitavelmente entravam os processos, não simplesmente de uma “educação para a paz”, mas de uma “educação para a emancipação”.

## Referências

BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 2012.

CALBO, A. S. et al. *Bullying* na escola: comportamento agressivo, vitimização e conduta pró-social entre pares. *Contextos Clínicos*, n. 2, v. 2, p. 73-80, 2009.

COPLE, J.; QUEIROGA, L.; VIANA, G. Bullying teria sido a motivação de ataque em escola de Goiânia. *O Globo*, 21/10/2017. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/brasil/bullying-teria-sido-motivacao-de-ataque-em-escola-de-goiania-21972498>>. Acesso em: 31 jan. 2018.

CRISTOVAM, M. A. S. et. al. Atos de *bullying* entre adolescentes em colégio público de Cascavel. *Adolesc. Saúde*, v. 7, n. 4, 46-54, 2010.

FANTE, C. *Fenômeno bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz*. Campinas, SP: Versus, 2005.

FRANCISCO, M. V.; LIBÓRIO, R. M. C. Um estudo sobre *bullying* entre escolares do ensino fundamental. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, n. 22, v. 2, p. 200-207, 2009.

LOPES NETO, A. A. Bullying: comportamento agressivo entre estudantes. *Jornal de Pediatria*, v. 81, n. 5, p. 164-172, 2005.

MARX, K.; ENGELS, F. *A ideologia alemã*. São Paulo: Boitempo, 2007.

MESQUITA, A. P. S. L. Bullying e contaminação do ambiente escolar pela violência. *Estadão - Jornal o Estado de São Paulo*, São Paulo, 20 out. 2017. Disponível em: <<https://politica.estadao.com.br/blogs/fausto-macedo/bullying-e-contaminacao-do-ambiente-escolar-pela-violencia/>>. Acesso em: 31 jan. 2018.

MOURA, D. R. et. al. Prevalência e características de escolares vítimas de bullying. *Jornal de Pediatria*, n. 87, v. 1, p. 19-23, 2011.

OLWEUS, D. *Aggression in schools: Bullies and whipping boys*. Washington, D. C.: Hemisphere, 1978.

OLWEUS, D. *Bullying at school: What we know and what we can do*. Cambridge, MA: Blackwell, 1993.

RESENDE, P. Adolescente suspeito de matar a tiros dois colegas sofria *bullying*, diz estudante. *G1 - Goiás / TV Anhanguera*, Goiânia, 17 nov. 2017. Disponível em: <<https://g1.globo.com/go/goias/noticia/tragedias-em-colegios-trazem-a-tona-como-escolas-previnem-e-combatem-o-bullying-e-outras-situacoes-de-violencia-em-goias.ghtml>>. Acesso em: 30 jan. 2018.

STELKO-PEREIRA, A. C. S.; WILLIAMS, L. C. A.; FREITAS, L. C. Validade e consistência interna do questionário de investigação de prevalência de violência escolar - versão estudantes. *Avaliação Psicológica*, v. 9, n. 3, p. 403-411, 2010.

SALDAÑA, P. É hora de entender que o bullying está levando ao óbito, diz psicólogo. *Folha de São Paulo*, 21/10/2017. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2017/10/1928956-e-hora-de-entender-que-o-bullying-esta-levando-ao-obito-diz-psicologo.shtml>>. Acesso em 31 jan. 2018.

SALES, Y. Estudante mata dois colegas a tiros e fere quatro em escola particular de Goiânia. *El País*, 21/10/2017. Disponível em: <[https://brasil.elpais.com/brasil/2017/10/20/politica/1508514051\\_919340.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2017/10/20/politica/1508514051_919340.html)>. Acesso em: 03 mar. 2018.

SANTOS, S. D. M. *Sinais dos tempos: marcas da violência na escola*. São Paulo: Autores Associados, 2002.

SMITH, P. K. et al. Definitions of bullying: A comparison of terms used, and age and gender differences, in a fourteen-country international comparison. *Child Development*, n. 73, v. 4, 2002, p. 1119-1133.

TEFEN, M. Precisamos falar sobre *bullying*. *Revista Veja*, 23/10/2017. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/blog/o-leitor/goiania-2017-precisamos-falar-sobre-bullying/>>. Acesso em: 03 mar. 2018.

VIGOTSKI, L. S. *A construção do pensamento e da linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

VYGOTSKY, L. S. *The Collected Works of L. S. Vygotsky* (v. 2). New York: Plenum Press, 1993.

ZAINE, I.; REIS, M. J. D.; PADOVANI, R. C. Comportamentos de *bullying* e conflito com a lei. *Estudos de Psicologia*, v. 27, n. 3, 375-382, 2010.